

“Devedores foram preteridos”

WASHINGTON — Ontem, penúltimo dia da reunião anual do FMI e do Banco Mundial, o plenário ficou praticamente vazio para ouvir os delegados, entre os quais se inscreveram como oradores os representantes das Ilhas Fiji, Ilhas Salomão e Malta. Assim, perdeu-se no vazio o firme depoimento feito em nome de toda América Latina pela ministra do Planejamento da Venezuela, Maritza Izaguirre.

Diante da evolução da economia dos países latino-americanos, a ministra considera que o custo do ajustamento imposto aos países devedores do continente é excessivamente alto e que se atingiu em muitos países a margem máxima de tolerância. Na opinião da porta-voz da América Latina, os programas de ajustamento foram conduzidos dando atenção primordial à extinção dos problemas ligados à dívida externa, o que podemos interpretar como preocupação de satisfazer antes os credores. Ora, dever-se-ia, na opinião da ministra venezuelana, levar-se mais em conta o interesse nacional dos países devedores. Sugeriu que o processo doloroso de ajustamento seja melhor distribuído entre países devedores, credores e organismos internacionais.

A 38ª reunião anual do FMI e do Banco Mundial terminará hoje com a apresentação das conclusões pelos presidentes da assembléia e do Bird e pelo diretor-gerente do Fundo. O otimismo certamente predominará e todos os oradores se regozijarão diante de resultados tão positivos. No entanto, sabemos que a situação é muito tensa e que até agora houve somente soluções muito frágeis para os problemas de curto prazo. (R.A.)

Para Post, Brasil é um caso crucial

WASHINGTON — O jornal *Washington Post* destacou ontem, em editorial, que “o caso crucial entre os países devedores do mundo é o Brasil”. Disse também que, o sucesso ou fracasso da renegociação de sua dívida pode determinar a sorte de outros devedores.

O jornal lembrou ainda as dificuldades de o País cumprir sua parte no acordo: ajustar rapidamente sua economia. Diz que muitos brasileiros são contrários às medidas abruptas mas que, infelizmente, a tentativa de fazer uma reestruturação suave iria requerer um maior fluxo de créditos — o que não é possível, a não ser que eles fossem obtidos sem a ajuda do Fundo Monetário Internacional ou dos bancos internacionais. Isso, segundo o *Post*, aumentaria em muito o risco de um colapso total.